

Plauto Araújo 2010

1ª Edição, 2010

Diretor Editorial

Frank Dalto

Assistente de produção

José Plauto Araújo

Capa

José Plauto Araújo

Revisão

José Plauto Araújo

Plauto Araújo

Olhos do Tempo/ Plauto Araújo

1ª Ed. - São Luis-2010

Visões do Uai 85-260-0617-7

1. Poesias Literatura contemporânea

99-1260

CDU-800

Olhos do Tempo

Poesias

Plauto Araújo

1ª Edição

2010

Biografia



Araújo, José Plauto nasceu no Ceará, Brasil em 1958, de um casal nobre. Viajou por vários estados brasileiros, onde fez vários cursos e exerce várias profissões: é pedagogo, coordenador de vigilância sanitária, fiscal ambiental, faz parte do CONDEMA, Ouvidor municipal, especialista em admirar a beleza natural feminina, poeta, escritor, professa a fé protestante, exerce o digno cargo de diácono, além de professor é um forte pregador, muito versado nos textos sagrados, amante alucinado da música psicodélica tem um respeito profundo pelas pessoas, mas gosta de apreciar o lado animal de cada um, enquanto saboreia toda beleza que lhe rodeia e isto é o que lhe faz um ente sempre alegre e satisfeito.

Começou sua vida literária ainda adolescente numa vida nômade e inconstante, partindo para o Rio de Janeiro para trabalhar em redes hoteleiras, onde conheceu muitos artistas famosos, entre eles Frank Sinatra, George Watter, etc. Mesmo que iniciara sua vida literária muito cedo, só no ano 2000 é que publicou algumas de suas obras, entre elas: Vozes Mélicas, Luta Interior e O Caminho do Peregrinar.

De sua lavra literária podemos citar 06 livros poéticos, 02 históricos, 01 romance e 03 doutrinários. Em sua trajetória literária foi obrigado por motivos de perseguições, a queimar muitas de suas poesias. O que lamenta pela irreparável perda.

A base de toda prosa e versos de Plauto Araújo apóia-se no profundo sentimento que tem pelos mistérios da vida... Cuja lógica ultrapassa a, da consciência habitual, desvendando o duplo de cada homem, na impressão do realismo dentro do irreal. Os cenários são repletos de pavor da morte. Onde mergulha no lado desconhecido das ansiedades da alma, o que faz de Plauto Araújo, um alucinado pelos mistérios da Imaginação Humana.

Frank Dalto

Copyright © 2010 by Plauto Araújo

A658C

Araújo, José Plauto

Olhos do Tempo/ Plauto Araújo

Editora Visões do Uai. 2010

I. Poesia

66p.

CDU800

José Plauto Araújo
Rua Padre Odécio, 475.
Bela Cruz - Ceará
Cep: 62570-000

E-mail: plauto_0406@hotmail.com



Tu, cujas pegadas;
Transformam-se em caminho,
Me farás ver,
O caminho da vida.

A Luta por existir é uma batalha
Em que todos os mortais estão envolvidos,
Mesmo assim, esta é mais penosa para o homem
Pois o tal tem vaidades e é outra boca a ser alimentada.

Plauto Araújo

Às mulheres fadas que rondam pela terra
Pois sem as tais eu não teria motivos para
Ser homem.

Plauto Araújo

Sumário

Poema dos quinze anos.....	09
Arauto.....	10
Animais assombrados.....	11
Poema infantil.....	12
Se eu soubesse pintar.....	13
Caras.....	14
IACOL.....	15
Big Ben.....	16
O Homem de Laodicéia.....	17
Despedida de um líder.	18
Naves poéticas.....	19
Poema profético.....	20
As anfitriãs do desejo.....	21
Destino.....	22
Medle.....	23
Via.....	24
Piedade Senhor.....	25
A Arte.....	26
Estrelas cadentes.....	27
Ocaso das luzes.....	28
Comungando com Deus.....	29
Senzala branca.....	30
Linha divisória.....	31
Rosas eternas.....	32
Cidade morta.....	33
A Palavra.....	34
O Desejo.....	35

Entre os trocos roliços.....	36
A Lasca dos lascados.....	37
Olhar cupido.....	38
Necrófobo.....	39
O Mar.....	40
Funeral da arte.....	41
Mundo animal.....	42
A Língua do poeta.....	43
O Alvorecer marinho de Jeri.....	44
Estrela cadente.....	45
A Negra flor da favela.....	46
Eu, os Negros e os empregados.....	47
Senda luminosa.....	48
Temos fome de cão.....	49
Entorpecer.....	50
Cioso olhar.....	51
O Escravo do medo.....	52
Dára das pétalas.....	53
Correntes marinhas.....	54
O Espreitor.....	55
Rosas Eternas.....	56
É natural.....	57
Se eu não te amasse.....	58
Olhos do tempo.....	59
Obras do autor.....	60

**Olhos
Do
Tempo**

I. Poesias

José Plauto Araújo

1ª Edição

2010

**Olhos

Do

Tempo**

José Plauto Araújo

Prefácio

Ninguém jamais entenderá as manobras e curvas do tempo, só sabemos que ele está nos devorando lentamente e isto sem percebermos, e ninguém é capaz de enganar o maldito tempo. E os seus olhos observam cada movimento nosso, e dele não podemos fugir, não há quem nos esconda deste tirano que se alimenta de nossa robusteza, nossa beleza e o mais cruel, se alimenta de nossa própria vida. Nosso bem conhecido poeta e escritor em **Olhos do tempo** ele se serve da arte poética para nos falar do Big Bem, de Medle, Estrelas cadentes, Senzala branca, Cidade morta etc. E pelo que notei ele nos arrasta a uma realidade que sabemos, mas não paramos para refleti-la. O livro está repleto de coisas seriíssimas, mas também tem o lado cômico de nosso autor. Existe aqui, lições de vida nunca ensinadas por nenhum sábio, mas o tempo em si nos ensina Bastante, em **Olhos do Tempo**, o autor nos lembra para ver este ancião carrancudo, que como um gigante se ergue por sobre nós para nos vigiar os passos da vida e enquanto somos fortes estrebuchamos, mas quando envelhecemos somos surrados até pelo vento, aí percebemos que fomos vencidos pelo velho tempo; e o pior, não podemos voltar atrás e a vida já passou sem podermos retê-la diante dos **Olhos do Tempo**.

Frank Dalto

Apresentação

Neste livro de poemas, Plauto Araújo, nosso poeta já consagrado, Em e com suas próprias palavras, oferece-nos o incrível convite, A mergulhar e analisar no que há de mais íntimo e intrínseco Dentro de cada um de nós. É uma viagem pelo espaço da vida, Memória e pelos **Olhos do tempo**, cuja vida conserva a doce Imagem de manhãs e tardes nas quais sentíamos a vida pulsando dentro de nós, latejando em ânsias e suor, sem que tivéssemos, muitas vezes, noção e percepção desse enorme milagre divino. Como a poesia concentra em si, significados em cada palavra. No texto, a qual tem seu peso específico, e feita de concretude. E pesa com a coisa que ela representa. Tendo o cheiro das brisas silvestres; sabor das delícias amorosas que há em todos os animais; Range como nos abrindo a porta de nossas fantasias; geme como galhos de árvores numa selva de pensamentos; uiva igual a um lobo na lua cheia; fala através dos silvos dos ciprestes; às vezes rasteja na página como um bicho em busca de saciar seu apetite; esbraveja como pessoa ferida Na alma; ilumina como uma luz; Chora como num luto de um ente querido; ou rasga como o selo pueril da casca da semente que germina que é de som ao mesmo tempo não é. O que está nos **Olhos do Tempo** é o que temos de mais profundo no corpo vivo, onde palavras viajam pelos antros mais profundos de nossa vida. O que nosso escritor nos oferece é algo que só é percebido por aqueles que se abrem e deixam ser carregados pelas asas das letras e vêm com os **Olhos do tempo**.

Liandra Córén

POEMA INFANTIL

Neste dia memorável passo a narrar
De Santa Cruz, a menina formosa.
Que Nicolau Peixoto e Domingos Aguiar.
Acolheram por ser tão mimosa
No início da história de tua religião
Apareceu em teu solo, Genoveva, a rezadeira.
Fazendo novenas à Senhora da Conceição
Sabemos que também era astuta feiticeira.
Há cinquenta anos, a vinte e três de fevereiro.
Paulo Sarasate ao nosso lindo vale desceu
E logo emancipou a donzela da ribeira.
E por amá-la, por aqui muitas vezes apareceu.
Desde o começo temos gente educada
Como era o nosso grande Mário Louzada
Que comunicava ao nosso povo o Direito
Não foi à toa que se tornou nosso prefeito.
Nos últimos anos apareceu o Cachimbão
E como prefeito fez uma boa administração,
Construiu tanta coisa bonita de matuto admirar
E sei que não vai parar enquanto governar.
Nesta grande data memorável
Bela Cruz celebra o seu jubileu
Pois sabe que é amável
E conquistará seu apogeu.

POEMA DOS QUINZE ANOS

Colher rosa é sentir aroma
Colher frutos é saborear delícias
Ser a rosa mais linda de um jardim
É chamar a si a admiração
Sua luz é como estrelas
Piscam, cintilam em todos os corações.
Assim filha, és tu em nosso meio.
És a flor, a mais linda criatura.
És o aroma mais suave, toda ternura.
Tua luz ilumina nossa casa
Cuidar de ti é burilar jóias raras
É acariciar preciosos tesouros
Pois, para nós teu valor excede ao ouro.
Nessa tua idade tão sublime
Com este teu olhar puro e cristalino
Faz-nos orgulhar de ti, menina.
Tem apenas 15 anos, tua estação florida.
É tua primavera, e tudo é colorido.
Mas não te deixes enganar
O nosso coração confia em ti
E deseja o melhor para ti
Portanto não o decepcione
Viva, crie tuas fantasias e até sonhes.
Afinal, tu és nossa linda Cinderela.
E a mais delicada de nossas donzelas

À Morgana Maica

ARAUTO

Amo, amo o poeta, e sua arte.
Amo sua sinceridade, toda sua verdade.
Sua transparência, todo seu sentimento.
Amo sua causa, seu lugar, seu mundo...
Amo sua esposa, sua filha...
Amo seu olhar, sua imaginação.
Amo-o, afinal é fonte que corre.
Pois ele é eterno, nunca morre.
Suas palavras é rio transparente
Sua filha é água cristalina
Que escorre pelo papel simpósio
Sua força é fé no que afirma.
Amo o poeta por ser poeta
E saber o que diz e o que escreve
Não precisa de intérprete
Ele é a luz dos corações apaixonados
É dono do grito inédito e inaudível
Que salta do mais escondido sentimento
Ame-o, pois antes de tudo.
Ele sabe ser gente.

ANIMAIS ASSOMBRADOS

Humanos, frutos do terror.
Animais inquietos...
Que dilatam as janelas dos olhos
Tagarelas do pavor
Que aceleram o medo em si mesmo
E contaminam o grupo todo
O mais assombrado dos mortais
Fabricantes das incertezas de seus corações
Animal besta que a tudo teme.
Caçador de sua insegurança
Que a todos vê como uma ameaça
Que se fez companheiro do pânico
Que sempre instiga e faz rival
Animal que cria a guerra dentro de si
Abutre de sua própria carne
Carnívoro cão disfarçado em cidadão
Antropófago camuflado de seus companheiros
Que sempre maquina contra seu próximo
Traidor de sua espécie
Inconfiável, quando busca seus interesses.
Vive como louco e enganado
Como se não soubesse que é mortal.

BIG BEN

Atalaia solitário,
Que grita e geme da torre
Melancólico e triste choro do tempo
Que a tudo assiste e avisa lento
Testemunha dos massacres urbanos
E sentinela alarmante do sossego
De prontidão vigia a cidade
E alarma num convite sagrado
Com teu metálico grito macabro
De cima envia teu recado
E teu povo ouve atento e pasmado
Quando emites teu agourento som.
De longe alcança os tímpanos
De teus fanáticos admiradores
Quando envias tuas ondas fúnebres
Que se espalham pelas ruas
E como água, invade as casas.
Enquanto se enfeitam
E veste de fé o peito
E caminham em tua direção
Pois é hora de tu chamares à devoção.

SE EU SOUBESSE PINTAR

Se eu soubesse pintar
Eu pintaria o céu
Pintaria as tardes
Escolheria as torres
Prenderia as bruxas
E passearia pelas nuvens

Se eu soubesse pintar
Pintaria a beleza
Não pintaria tristeza
Pintaria as profundezas
Ocultaria a feiúra
De todas as criaturas

Se eu soubesse pintar
Eu me pintaria de luz.
Não pintaria cruz
Só, o bem que se traduz.
Pintaria o vento
Descartaria todo lamento

Ah! Se eu soubesse pintar
Pintaria teu grito
Pintaria todos os crepúsculos
Todas as despedidas
Todos os sorrisos...
Ah! Se eu soubesse pintar.

CARAS

Todos têm uma cara
E eu não sei, onde Deus.
Encontrou tantos modelos
Pois, se olharmos direito.
Há muita diferença em cada sujeito
E o pior, é quando ganha apelido.
Como àquelas sem-vergonhas
Que chamamos de caras-lisas, isto:
Pra não chamá-las de caras-bandidas.
Sem esquecermos dos caras-de-pau
Que sempre nos enganam, fazendo o mal.
No meio destas tantas caras e caretas
Existem moças com cara de mutretas
Outras, com caras compridas.
A estas chamamos cara de mamão
É verdade, que tem cada cara feia...
Não podemos negar as bonitinhas
Mas vamos deixá-las de lado
E vamos falar da cara fechada
Daquela cara de papa-angú,
Que às vezes, nos fazem dar risadas.
Àquelas caras chupadas,
Com boca de chupar ovo.
É, é assim mesmo, tem cada cara enrugada.
E tem uma que chamamos cara lavada.
São essas caras lambidas,
Que nós denominamos de caras malvadas
Que só nos compram fiado
E depois agem como se não devessem nada.
Estas são as caras safadas.
Que, pra mim, deviam ser lixadas.

IACOL

A velha fábrica, já no entardecer, calada.
Mostrava-se triste e abandonada
Nas paredes retratava uma solidão danada
Parecia desolada como mulher abandonada.
O mato dominava suas dependências
A ferrugem comia sem dó suas máquinas
Servia apenas como moradia de morcegos
E de lá se ouvia o cântico agourento
Certamente de rasga-mortalhas.
Corujas enormes, ali se refugiavam.
Era triste olhar para suas ruínas
Restava apenas saudade de seu povo
Todas suas peças estavam prostadas
Como um cemitério se mostrava
Como era bom ouvir teu grito
Era longo e forte, seu berro.
De sua chaminé, uma nuvem escura brotava.
Carradas e mais carradas ali chegavam
E saía seu produto para exportação
Sua fama era conhecida em muitas nações
Havia abundância em seu paiol
E tinhas como nome, a sigla IACOL.
Em suas seções, mulheres mostravam seus talentos.
Era a luta dos empregados pelo sustento
Suas caldeiras quentes e fumaçantes
Gerou através dos anos muitos amantes.
Mas hoje, está parada, sem empregados.
E com saudade dos dias, em que eras tão amada.

POEMA PROFÉTICO

“Leonardo Da Vinci”
1452-1519

Nada haverá na terra...
Limite algum haverá para a maldade deles
Que em sua loucura irão derrubar
As grandes árvores das florestas da Terra
Depois de saciados
Nutrirão o desejo de espalhar a morte,
O sofrimento, a desgraça e a guerra.
E a devastação, não importa.
Contra quem ou contra o que,
Desde que tenha vida...
Nada haverá na terra, no subsolo,
Na água, que não será perseguido,
Desalojado, corrompido e transferido.
De um país para o outro.

O HOMEM DE LAODICÉIA

Seguia o homem ao rio
Saudoso e cheio de palpites,
A esperança branca de medo,
Carecia ansiosa de alento,
Ele no meio dos pedregais, num quarto ou...
Num terço, não sei, parecia um enxame.
Meditava em dor seus vexames.
Certamente por acreditar em histórias ou...
Talvez por ser um jacaré-macho de queixo.
Que em casa é um cão de caça ou...
A vítima das descargas dos revoltados.
Ira-se sua mulher, que não sabe se virar.
Tudo tem que ser feito pela besta do homem.
Oh! Que sufoco o macho passa,
Na era de Laodicéia.
Somente porque não entende,
Come o pão que o Diabo amassou,
Em vez do pão-de-ló.
O dentista não suporta o hálito de sua boca.
Mesmo debaixo de tamanho jugo,
“O bicho” é visto...
Como um ser, sem direito a nada.

DESPEDIDA DE UM LÍDER

Como tombam os valentes na guerra
Tombaste tu, em meio, tuas glórias.
Eras o anfitrião, o maestro da história.
De repente os lobos comem tua memória
Lambem o pó, os teus mais íntimos amigos.
Deixaste teus encargos, aos abutres do voto,
Como leões, te ergueram entre teus irmãos.
Alçaste a presa e em pleno dia dormiste.
Foi-se o príncipe do povo, num momento.
Despediu-se do poder, o herói da cidade.
Enlutou-se num instante, o vale verdejante.
Encabulado ficou o vigor, a essência empalideceu.
Parou a Plebe, diante de teu corpo inerte.
As cores se perturbaram confusas... Desfizeram-se.
Desmaiaram as luzes da cidade, diante de ti.
Navegaram os tempos ovaais de tua existência
Escorreram olhares pavorosos, ao além eterno.
Livros foram abertos, era a prestação de contas.
Reinou o medo na solidão escura do caminho
Subiram as nuvens, os gases do ente mortal.
Ecoaram os gritos, no infinito, perdidos.
Cruzou, siderais vazios, o destino.
Recordações embaçadas de sóis pálidos e cansadas...
Não mais se ouvem as regras da cidade.
Mergulhando vai o autor das normas públicas
Enrugado está o espaço na despedida fúnebre
De um líder cambaleando já cansado da jornada.
E voltando ao país do anonimato eterno,
Enquanto abandona a cidade enlutada.
Deixando atrás amigos e companheiros,
De labores já passados.

Ao amigo Everardo Araújo

NAVES POÉTICAS

Quero viajar, em naves do por do sol,
Voar nos raios, além da luz.
Quero no horizonte mergulhar
E afundar na imensidão do ar
Quero ver Sereias, navegar no mar.
E beber do seu cântico, me hipnotizar.
Quero entrar, do céu azul desfrutar
E no deserto do amor sonhar
Quero me embriagar nas marés de teu mar
Ouvir nas escuras manhãs teu roncar
Quero subir nas dunas do encanto
Desarmar os corações de todos os espantos
Quero ver o amor, e com ele aprender.
Tudo que só vejo, e quero só de você.
Quero semear, sementes de emoções.
E não distribuir entre jovens; ilusões.
Quero voar, em lagos azuis te encontrar.
Entre gaivotas contigo me ajuntar.
Quero, quero amar, sonhar...
Até te encontrar.

VIA

Cheguei,
Olhei,
E contemplei
O deslumbrante lugar de meus encantos.

AS ANFITRIÃS DO DESEJO

As bundas do mundo inteiro
São todas furadas, lascadas...
Apresentando-se com vários semblantes
Que às vezes se tornam engraçadas
Como aquelas de caras chupadas
Outras enrugadas e caladas
Algumas são bem arrumadas, carnudas,
Bochechudas e bem empinadas
Estas sim, são bem humoradas.
Mas outras aparecem dependuradas,
Batidas, caídas, inibidas, entristecidas...
Sem esquecer que também têm outras
Escorridas, encolhidas, secas de magras.
Mesmo assim desfilam, fazendo caretas...
Com suas faces acabrunhadas, desconfiadas...
Também tem umas emproadas, sisudas...
Nesse disfarce de múltiplas faces
Sempre trazem um convite e um enlace.
Elas são todas animadas e andam juntas
Afinal é um conjunto de duas bandas.
As bundas são bem carismáticas
E nos excitam quando passam.
Até parece que nos chamam,
Na verdade...
Bem sabemos que tem umas,
Que nos provocam.
E ninguém pode negar

DESTINO

Onde estão os poetas...?
Aonde vão seus ditos...?
Onde posso ler seus escritos...?
Quando o vento me arrebatara...
Nas tardes fagueiras dos morros dunosos.
Vendo o mar o labirinto azul-vendoso
Ouvindo seu roncar nas madrugadas.
Mergulhar no sol do entardecer
Voar nas asas da imensidão e vê
Onde o céu se inclina e mergulha no mar.
Quando a noite em sua sombra agasalhar
O homem, este animal pensante,
Que como um sol de um dia
Passa nesta vida agruras frias.
Assim meu passar
Por este vale
São de mistérios, de aventuras...
Mas enganado quero viver
Pois o engano da espera
Torna-nos mais quietos.

MEDLE

Quando o velho sol se despede
O dia enlutado
Faz sua prece
E as cores turvas se invalidam
E o homem mergulha
No horizonte
Buscando resposta
Ao seu destino
E as folhas
São tangidas na amplidão
Nos pensamentos
São vagas as horas
Chora o tempo, chora o homem...
No peito
Soluça a alma tediosa
E some o sol,
O homem
E o tempo.

OCASO DAS LUZES

Quando uma luz se apaga
O ambiente fica enlutado
Aí, conhecemos o valor.
De sermos luz.

Quando morre quem brilhou
Também escurece o interior
De todos a quem iluminou.

Assim parte desta vida
Quem muito de si deu.

E é neste entardecer da vida
Que somos sepultados com o sol.

E quem fica, mergulha em si,
Buscando resposta ao seu destino.

E as folhas da verde esperança secam
E são tangidas na amplidão.

E nestas horas vagas...
Chora o tempo, choram os videntes,
E no peito soluça a alma tediosa.
E some a luz do sol.
Mas quem sempre iluminou,
Ainda deixa um clarão,
Do exemplo de uma vida, que levou.

À Marta Leda Pinto.

PIEDADE SENHOR

Meu Deus aqui não há sossego
Não há ninguém a quem se peça arrego
O mundo Senhor é cruel, é mau.
O ódio governa e impera nos corações
As pessoas são falsas e monstruosas
Fingem ser nossos amigos, mas são cruéis
Sempre nos pagam com o mal quando erramos
Não há perdão nem conversão só há ensaios
Os seres estão possuídos por maus espíritos
Não há compaixão, só há ameaças e vinganças.
Não reconhecem o temor, nem o respeito.
Só sabem cobrarem os seus direitos.
O mundo enlouqueceu e o piedoso desapareceu.
A violência e a injustiça andam soltas
Meu Deus cadê a justiça, meu Deus cadê o juízo.
Veja como somos maltratados e vituperados.
Acabou o amor e a fidelidade não existe
O mundo escureceu e ficou todo esquisito.
Não há quem ajude o fraco,
Nem quem livre o inválido.
Meu Deus, que mundo maldito.
O teu servo Naum escreveu que;
Tu és Deus vingador e irascível.
Mas Senhor até quando terei de esperar?
Tuas bem-aventuranças dizem que Tu nos fartarás.
Nós, os que temos fome e sede de justiça.
Mas Senhor, eu estou cansado de esperar.
Senhor, Senhor nosso, não te demores.

A ARTE

Só a arte sacia a alma humana
Por seu sabor de satisfação e admiração
Por sua perfeição e sua originalidade
A arte é sublime, é a filha única de cada um.
Cada expressão artística
É a essência divina no homem.
É o dedo de Deus manifesto, regendo.
A arte é fonte que flui da inspiração divina.
Fonte selada, pura, calada só até se manifestar.
Só ela é capaz de causar admiração, de impactar.
Meche com a alma, desperta o espírito do homem.
É a prova concreta que o homem é divino.
Ela separa os animais, só ela faz a distinção.
Entre todos os seres,
A arte só enobrece o homem.
Ela é nossa única recompensa,
Por todas as labutas que na vida enfrentamos.
É o bálsamo de Deus em nossas lidas.
É dom divino concedido,
Que diverte e entrete.
Quando é elaborada, causa prazer.
É a habilidade nata de cada um.
Ela é a alma falante do autor.
Tudo passa, o homem morre e se vai.
Mas, a arte fica.

ESTRELAS CADENTES

Morre uma luz alada,
Quando uma estrela se apaga.
Em escuro reina o tédio,
Quando os astros se despedem.
O coração vira criança e chora,
Quando dos palcos uma luz vai embora.
E quando o sentimento não se resguarda,
A saudade cruel chega e nos apaga.
E o vazio enche o peito e lateja.
Buscamos algo... Pois nos falta aconchego.
Lembranças cortam os céus e se vão,
E tudo flutua e parece nos faltar o chão.
Pois sabemos que a luz não voltará a brilhar.
E não sabemos como nos consolar.
Aí concluímos que ficamos sós.
Quando uma estrela se apaga,
As lágrimas caem sobre o mundo.
Quem se foi, não pode mais nos consolar.
Sua vida mora, mais ninguém sabe o lugar.
E quando num instante se vai,
Desliga-se tudo, fazendo tudo apagar.
Deixando apenas, um ingênuo e triste indagar.
E quando a atrevida morte vem ocupar seu lugar,
Nem o mundo todo pode nos consolar.
Afinal escurece a vida e tudo se estraga,
Quando uma estrela se apaga.

ROSAS ETERNAS

O aroma das rosas conforta
E acolhe os que se chegam
Mesmo assim, dura pouco tempo.
Pois de repente as rosas murcham
E parece que esquecemos sua meiguice.
Mas as pessoas que amamos, são eternas.
Elas ficam sempre morando em nossos corações
Sua presença sempre irradia nossa memória
Mesmo quando de repente partem e se vão
Deixam um vazio imenso em nossos corações
Pois tais pessoas marcaram nossas vidas.
E quando lembramos delas em nossa caminhada
Lamentamos não podermos ver tais entes amados
Aí percebemos que a ausência nos tortura
Mas devemos lembrar que tais criaturas
São eternas rosas no jardim de Deus
Que a cada dia são regadas pelo senhor
Pois carinhosamente
Foram acolhidas por seu amor
E que no jardim do eterno e bondoso Pai
Essas pessoas são felizes e não sofrem mais
E com os santos cantam hinos angelicais
E que da terra, não sentirão falta jamais.
Afim moram com Deus, nas mansões celestiais.

COMUNGANDO COM DEUS

Vendavais, caracóis mentais,
Que arrasta o espírito ao infinito
É minha viagem, é meu êxtase.
É meu passeio sideral em busca de paz
São caminhos sonoros de acordes angelicais
É a sede de minh'alma da fonte eterna.
É meu Deus que me convida a sua morada
Vai minha luz deleita por um instante
Goza desta mansão dourada, resplandecente...
Envolve-te desta glória luzente
Dança com os anjos nos átrios divinos
É a doce harmonia dos acordes celestes
Entoa o louvor devido ao altíssimo,
És aprazível ao teu Deus, oh minh'alma.
Recreia-te, banqueteia-te enquanto podes.
É a música santa tua nave celeste
Que te transporta ao paraíso divino
Por isso canta, jubila e exulta de prazer.
São teus elevos espirituais, frutos do coração.
É o transcendental, o impulso da alma.
Fartando-te de imensuráveis delícias eternas
É a casa de teu pai, morada de teu Deus.
Guarda-te neste lindo lugar, pois é teu lar.
Que é prometido aos escolhidos do eterno Pai.
Descansa, descansa minh'alma, pois este é teu dia.

SENZALA BRANCA

Afogado em minhas ânsias andei
Suportei o cativo doméstico da vida
Ensofado em minhas lágrimas retidas
Meu grito de dor calou sufocado
Por não ter liberdade de expressão
Fui obrigado pelo opressor malvado
Suportar os castigos em minha senzala
Roubaram minhas fantasias e minhas alegrias
Da lua, roubaram-me São Jorge.
E não houve quem me defendesse
Gritei por socorro, mas negaram-me ajuda.
Agora em meio as minhas chagas e mágoas
Olho, espero compaixão, alguém, que me acuda.
Olho e vejo os sonhos nascerem em vez da vida.
Percebo a sina dos negros morando em mim.
E porto-me como oriundo das galés africanas
É minha noite de liberdade, e não tenho coragem de sair.
Destramelar as portas de meu cativo
Mesmo assim de pele branca, moro em senzala.
E sou dominado por meus súditos
De quem cuidei, mas destes não recebi amor.
Antes, surraram-me diante de meus filhos.
E dói-me mais em vê-los sofrer por mim.
E continuo preso em minha senzala branca
Crivado estou de ingratidão e maus tratos.
Deixando as marcas de dor em meus passos.
Até que alguém varra o nó de minhas lembranças

LINHA DIVISÓRIA

Na boca da noite
Aparecem nuvens e cores
Nasce luz na lua
Aparecem os seres alados
O silêncio faz melodia
O escuro vem chegando
O homem medita e se alumia
Tudo é tédio e pensamento vadio
Nascem as primeiras estrelas
É o início do avesso do homem
Ocultam-se os mistérios do amor
Cantam grilos nos cantos e recantos
O céu se turva e cala
Tudo é descanso e calma
Zumbe os mosquitos vampiros
O céu tinge-se de rosa sangue
O sol lentamente se esconde
Os espaços siderais se camuflam
Tudo acontece preguiçoso e lento
Ver-se os últimos clarões do dia
O homem do campo termina sua agonia.
É assim, tudo se esconde do dia.
Escurece a vida e vem a antipatia.
Na verdade tudo acontece no fim do dia.
E a tudo engole a boca da noite.

ENTRE OS TRONCOS DOS MARES

No oculto lugar nasce uma grama cheirosa de mar
Que só os animais sabem tal aroma fungar
O qual jorra destes troncos roliços
Neste lindo vale correm água e sangue nas marés
Correm sulcos deliciosos e cheira a mel nos ares
É a fonte vital dos seres incitados
É o recanto dos troncos mais cobiçados
Terra onde se planta e germina dos cais
É o lugar mais desejado dos mortais
Nesse lugar eu nasci e aprendi amá-lo
Quando passeio em suas ribanceiras locais
Sinto o cheiro gostoso deste lindo lugar
E se desço a este vale oculto a velar
Meu desejo é de lá ficar nunca deixar
Mas nem todos sabem valorizar tal lugar
Mesmo aqueles que também nasceram lá
Tem cheiro de mar, é praia encantada.
Que oferece delicias, gozos... Ao passear.
Meu barco sempre navega lá, Deleitoso.
Não me importa se morrer ou até naufragar.
Sei que tem sereias por lá e desejo-as ansioso
Mas se seu canto me encantar cioso
Mergulho, penetro... Meu barco não receoso.
No mais íntimo e profundo deste lugar.
Pois sei, que outro ser hei-lo ressuscitar.

CIDADE MORTA

Embaçados e caracolados montes
Navegam diante de meus olhos
Tão finados e saudosos cantos
Ao longe uma cordilheira branca
Tão branca como as casas assombradas
Enfeitadas com pálidas flores e mortas.
Desabitadas de qualquer aroma.
Casas alienadas, abandonadas e pasmas.
Ruas sem nome e becos intransitáveis.
Cidade esquisita, esquelética, sisuda e muda.
Lá não se vê casas comerciais nem habitacionais
Nem diversão alguma se faz ou há por lá.
É uma cidade sem graça e sem praça
Não carece de escola, bares, nem de banheiro.
Naquela cidade não se conzinha nada
Seu povo perdeu o apetite e não come mais.
Ninguém tem mais ganância e não sonham mais
Ali, ninguém tem cargo e nem encargos.
Lá, nem se bebe nem se joga, só dorme.
Tal cidade é parada, ninguém se move.
Não sei, mas ali ninguém se fala.
O que é estranho, é que todos vão pra lá.
Querem por fim, lá ficar e morar.
Lá, há moças, mas sem formosura.
Velhos e velhas sem rugas...
Esta é uma cidade malvada e mal encarada.
Não deixa ninguém sair de lá.
Lá, ninguém é dono de nada.

A PALAVRA

Nasce de minha boca um rio caudaloso
Que rega as almas deste vale ribeirinho
Quantos caminhos cria para saciar o sedento
E quantas vidas cria em meu paladar
Palavras, palavras são riacho desta fonte.
Que alagam aldeias, grandes centros habitáveis.
Escorrem pelos becos e ruas da cidade meu hálito puro
Entram estas águas no mais secreto dos conselhos
Nas recâmaras dos amantes apaixonados
Grita nos templos, nos bares e nas casas.
A palavra é ilimitada é raio certo.
Faz caracóis nos ares e se propaga em ondas infinitas.
Palavras fechadas em livros e encarceradas no peito.
São desabafos do esgoto humano nas horas ásperas.
Quando afrontam os ouvintes indefesos,
São águas poluentes e venenosas.
A palavra é flecha, lâmina cortante e fatal.
É também chuva benéfica nas notícias boas.
E chaminé sufocante nas contendas.
Mesmo assim, de minha boca brota vida e morte.
É fonte rota na boca dos tolos
É fera indomável nas confusões.
Tangida por uma língua solta,
Incendeia até, o próprio inferno.

O DESEJO

Grita no escuro do sentimento
E geme nas sombras dos seres
Buscando conectar os elos
Lutando em sua fome por satisfação.
É a gula e gruno dos viventes.
É a ânsia animal dos povos
Que dá luz à concupiscência.
Que uma vez consumada acalma
Mesmo assim todos não suportam
É um aperriar do íntimo
É a sede faminta do Eros
É o apelo das combinações nervosas
Quando saciado aquieta-se, mas logo ressuscita.
Mora nos seres e os manipulam
Faz de uns escravos da vergonha
Outros perdem o pudor e se entregam
Mesmo assim todos querem prová-lo
Sendo tal sentimento, camuflado nos tímidos.
Mesmo assim, ele está latente e vivo.
Meche com nossas estruturas e clama.
Inquieta-se quando não é ouvido.
Onde se origina ou de onde parte,
Não sei, mas não duvido de sua existência.
É o combustível que move e incita cada ente.
E deste bruto quem não é dependente?
E quando nos domina em seu fogo,
Tornamos-nos tão frágeis e tão carentes.

O MAR

Eu gosto do mar
Do sal e da maresia
Do seu cheiro todo dia
Do balançar das ondas empoladas
Das espumas, dos búzios e das algas.
Eu gosto do ar, da brisa e do marulhar.
Quando de longe ouço seu gemido alarmar.
Quando se farta e invade as praias nas marés
Ando todo alegre fungando os teus igarapés
A lama do mangue é cheirosa e gostosa de pisar.
Tem odor de fartura, toda tua verdura.
O manguezal é a alcova dos mares,
Onde parem cardumes e crustáceos.
O mar é a liberdade infinita
É céu, é água, é nuvem a levantar.
Como é gostoso olhar o fim do mar.
Onde tudo some após encantar
O mar é puro, com ele não tem frescura.
Mesmo nas noites escuras ele está lá,
Gemendo em seu empolar e o homem a escutar.
Mesmo nas madrugadas ele é acolhedor
Suas águas são mornas, que amor.
E a ele levanta as velas o pescador
E vai ao mar, ao seu labor.

A LASCA DOS LASCADOS

Todo lascado geme
Gemem ao serem lascados
Uns gemem para chamar atenção
Outros gemem por puro prazer
Gostam de serem lascados
Como as bundas nascem lascadas
Estas nunca se queixam nas privadas.
Quando gemem, geralmente é de prazer.
Há tantas lascas vermelhas, que são de arrepiar.
Quando lascadas deixam felpas agudas, os sabiás.
Nem todas as lascas se queixam, como já citei.
Mas os lascados vivem a se queixarem
Afinal a vida é dura pros fracos e lascados.
E o que lasca sempre se gaba de sua lascadura,
Pois se acha duro e forte, o lascador.
Mole ou duro ninguém quer ser lascado.
Não sei porque chamam o pobre de lascado,
Mas sei que, mulher nenhuma gosta de cara lascada.
E se está se lascando, não foge a raia.
Que se danem, as mulheres não têm dó.
As mulheres gostam dos fortes e durões.
Mesmo que estes lhes cheguem só pra lascar.
Até parece que gostam de serem lascadas.
Então, que se lasquem as danadas.

OLHAR CUPIDO

Teu olhar faminto
Carente e demente
Que busca em outro ente, um parceiro.
Teu olhar faceiro e trigueiro
Que sai entre ruas e becos
Que ronda na praça
E aguarda outro olhar companheiro
Teu olhar de sono, quebrantado pano.
É de um olhar apaixonado e pidão
É farol que encandeia o parceiro.
É olhar cioso e teimoso
Que intima e provoca
É o olhar das tocas
Dos que amam e se denunciam
Que, sem voz e escrita.
Este olhar, mesmo assim comunica,
E transmite o sim das alianças
E mesmo em suas andanças
Fisgam com os anzóis do olhar
E no amor vem se entregar
Sem nenhuma palavra falar
Tal olhar, ninguém sabe como explicar.
Mas é um olhar venenoso e manhoso, que laça.
E o ente encantado se entrega de graça
E sabe, que já está ferrado.
E por um olhar certo
Ficou amarrado

NECRÓFOBO

Em meu caminho de vivo, ouvi de mortos.
Cada morto me assombrava de noite
Pois são covardes, querem sempre nos surpreender.
Vêm sempre por trás, querendo nos assustar.
E o pior se aproveitam da escuridão
Nesses momentos parece que vêm nos agarrar
E ser agarrado por um morto
É horrível, é de arrepiar.
E gelo, só de pensar.
Lembro de um que morreu afogado
Outro que a tiros foi assassinado
E tantos outros que me perseguem
Sei que não fiz nada com eles
Mas parecem que todo morto
Tem rixa comigo
Todos me querem assombrar
E sinto-os por perto
E meu maior temor
É ser agarrado por um morto
Quando ando no escuro estremeço
Pressinto que querem me pegar
Sem que haja quem me acuda
Por isso arregalo os olhos.
Se morre alguém...
Eu não piso lá
Para que à noite
Não venha me agarrar.

O ALVORECER MARINHO DE JERI

Quando tua face vinha na alvorada
Teus ruivos cabelos iluminavam o dia
E dissipava luz em todo horizonte
E vi o verde mar em teus olhos felinos
E em teu corpo, a praia branca se estendia.
Onde algumas dunas se elevavam
E um belo monte, o de Vênus, que cobicei.
E pelas encostas de teus manguezais,
Os pelos áureos de tua nuca reluzia ao sol.
Enchendo a maré de minha boca toda,
Por querer abocanhá-la de vez.
Vendo tua compostura acolhedora
De alvorecer lindo a cantar contente.
O qual escondia tua reima carnal e latente
Desejei voar, sonhar em tuas fantasias paradisíacas.
Quando escurecer vou desfrutar teu peixe
E me saciar em teus cachos pindoramas
Depois vou sair fungando tuas praias cheirosas.
Para sentir o sal marinho no ar.
E assim como animal lhe deliciar
Até que o dia clareie e volte a escurecer.
Pois teus raios dourados vão me embalar
E quando tua vida entardecer e tudo amadurecer.
Saberás que andou sobre ti, um ente a sonhar.
Que comia toda praia e bebia todo mar
E assim satisfeito sobre te descansava
Pois do doce sumo de teu prazer
Via-me embriagado por te querer
E quando vinhas e pousavas sobre a lua
Olhavas-me como fada e borboleta nua.

FUNERAL DA ARTE

Quando a arte morreu
Nenhuma nota soou
Nenhuma cor pintou
Nenhuma linha bordou
Nenhuma voz cantou
Nenhuma emoção ficou
Nenhum olhar inspirou
Nenhuma pauta literou
Nenhuma maquiagem combinou
Nenhum design formou
Nenhum enfeito decorou
Nenhuma prancha surfou
Nem músico tocou
Nem ser dançou
Nem mão criou
Nem ser vampirou
E sem graça tudo ficou
Pois não há musas
Não há estética
Não há inspiração
Não há mais fantasias
E desconfiadas:
A música desafinou
A cor desbotou
A voz faltou
Todo olhar cegou
Toda emoção faltou
E o homem ao animal voltou,
Quando o Espírito a este deixou.
E na vida ficou só agonia,
Pois sem arte, não há alegria.

MUNDO ANIMAL

Molham e lavam a rua, os pensamentos.
Dores da alma da cidade.
Desejos náufragos da plebe,
Misturam-se aos gritos de gozo faminto.
São linhas divisórias da vida animal
O eco, e reação dos sentimentos,
Que navegam escuros caminhos
De machos levados pelo desejo.
São prisioneiros das horas crentes,
Os orifícios femininos vermelhos e quentes,
Berro e gruno de prazer dos viventes,
Que cruzam os becos e praças da vida.
De coices; espiantes satisfações.
São fluidos de corpos dementes
De suor, sangue e prazer da gente.
Do pejo dos brutos, em seus manejos,
Que flui dos escondidos sentimentos
Movimentos naturais dos amantes
Cientes e traiçoeiros.
São manobras de mortais vagabundos
Encharcados de ânsias carnavais
Enxugando depois o beco, rua da penetração.
Acalentando a vida de bichos urbanos
Saciando sedentos instintos
E calando no peito,
O apetite guloso de puro animal.

A LÍNGUA DE POETA

É uma lua apaixonada nas esquinas amando
Lua soberana e mãe de lobisomem
É estrela falante ao ouvido da madrugada
É o espaço nu e envergonhado da rua
É olho que escreve enquanto passeia
É espada de dois gumes nas mãos do gladiador
É o berro louco de um jumento relógio
É o corte das lâminas, e o golpe final.
É a palavra peneirada e caiada ao vento.
É o fruto do peito, a divinal semente.
É luz que encandeia a mente dos ignorantes
É grilo no canto querendo ser aplaudido.
É sol que não nega sua luz.
É o vôo esguio de andorinhas rasantes.
É o manejo das pontas querendo chegar ao alvo.
É o sopro do vento nos telhados esquecidos.
É o ronco e marulhar das ondas empoladas.
É a paz dos bebês nos seios maternos.
É a donzela inocente que se apaixona.
É a calma do rio nos céus do entardecer
É o palpite, a idéia bendita. Mas inaudita,
É o mergulho profundo,
Que acorda o mundo.
É lagrima escorrida do coração que ama.
É uma língua pura que não tece enganos.

SENDA LUMINOSA

Vou calando as horas furtivas
Em meu caminho, sereno é meu pensar.
Enquanto focam raios, lampejando o pálido caminho.
Silenciosas horas, com a lua a paquerar.
Vão esquias veredas frias do sertão
Visualizadas pela pálida moça lunar
Enquanto sua branda luz dissipa pela vereda.
Alvejando a estrada arenosa e muda.
Solidão campeia, meu medo desperta trêmulo.
Mas as lembranças de minha amada alada,
Anima-me em meu caminhar perfumado.
Enchendo-me o peito de sua imagem prateada
Enquanto seus lábios carnudos beijam o céu.
Ilumina a mata e inspira amantes das horas calmas.
E nessa caminhada ouço vozes melosas,
São seresteiros violões noturnos e embriagados.
Que enche os espaços de ondas sonoras.
É do amante o apelo e da amada a luz.
Neste prelúdio acordam as janelas sonolentas
E despem-se meigas donzelas encantadas
No alto uma testemunha alumia a cena e palpita.
Enquanto sentimentos falam em corações trêmulos.
Enquanto o amor espera, a dor governa.
Mas se ambos cedem o amor triunfa.
E vão pela estrada pálida e fria.
Eu e minha amada sombra de luar, vazia.

ESTRELA CADENTE

Quando uma estrela se apaga
Morre uma luz alada
O escuro faz tédio
Quem nos iluminou se despede
Quando dos palcos uma luz vai embora
O coração vira criança e chora
A saudade vem e nos apaga
O sentimento não se resguarda
O vazio enche o peito e este lateja
Buscando algo, algum aconchego.
Lembranças cortam os céus e se vão.
Parece tudo flutuar e nos faltar o chão
E o mais triste é o não poder voltar
Ou fazer a luz da estrela retornar.
Mas não há jeito pra consolar o sujeito
Parece que ficamos só ou fomos deixados pra traz.
Quando uma estrela se apaga
As lágrimas caem sobre o mundo
Quem se foi não pode mais nos consolar
A vida mora no ser, mas ninguém sabe o lugar.
Ela foge e num instante faz tudo apagar
Deixando um ingênuo e triste indagar.
Sem resposta, sem som, sem cor.
A morte vem e domina e toma seu lugar.
E todo o mundo não é capaz de nos consolar.
Quando uma estrela se apaga
A vida em nós se estraga.

A NEGRA FLOR DA FAVELA

Escondem na favela toda vergonha
Que os olhos sociais não vêem
No morro tudo é escuro e desconfiado
Há fadiga de esperar nas bocas vazias
É solidão dos abandonados que agonizam
São vadias as casas nos poleiros trêmulos
Cheira no ar angustias da plebe escura
Medo e pavor das noites esquecidas
Carne nua de vitelas vendidas nos recantos
Dores e tédio das famílias enlutadas
Donzelas despidas saciam famintos coiotes
Canibais abuzam da noite e do povo
Gulosos seres das esquinas ambulantes
Sentenciam os zumbis famintos da nação
Lixão da raça, refugio dos condenados.
Subida de agonizantes gemidos frios
Descida e desabafos de algemas negras
Mar e beijos rogantes de escravos
Solitários leitos de Eros encontros
Vento acre de artimanhas macabras
Pavor da paz e núpcias privadas
Vagabundos seres, cais sonâmbulos das galés.
Despidos da vontade, vendida liberdade.
É o jardim turvo onde regam desenganos
Vítimas de anjos assassinos, esgoto do povo.
Malas das desculpas bagagens perdidas nos fóruns
Escarros da lei, cuspe dos magistrados.
São cores da África que mancha a favela.

EU, OS NEGROS E OS EMPREGADOS

Quando quebraram minhas algemas
E anunciaram que meu cativoiro findara
Não acreditei e fiquei como quem sonha
Então percebi que não gostei de tal liberdade
Meu tempo foi longo no cárcere
E tornei-o meu lar.
Afinal todo meu mundo foi ali
E já amava os açoites e privações
Sentia falta das provocações
E percebi que ser tirado dali não era bom.
Meus irmãos negros devem ter sentido o mesmo
Naquela noite de libertação não tiveram onde dormir
Não tiveram o que comer e nem o fazer
Na verdade ficaram desamparados e abandonados
Eles foram entregues a própria sorte
Certamente muitos rogaram ao patrão
Que o deixasse ficar e não o despedisse assim
Que não fizesse aquela desgraça com eles
Que continuariam escravos, pois seria bem melhor.
Pois ali estes estavam bem empregados
Fora dali estariam abandonados.
Outras lágrimas e desapontamento
Acontecem hoje com nossos empregados
Quando trabalham reclamam do salário,
Do horário e do patrão. Etc.
Mas quando são dispensados, entristecem.
A mesma rejeição sentem no coração
Ao se acharem desempregados.
Meu Deus, que confusão.

O ESCRAVO DO MEDO

Todo animal tem medo
O medo do homem vem por traz
Vem nos escuros na solidão.
O medo arrepia e estremece
Faz as pernas engrossarem, e a voz tremer.
O medo faz o cara temer e correr
É cruel e assombra o valente
É fruto dos animais e da gente
Onde mora não se sabe, mas é temente.
O medo é valente e torna o ente
Covarde, calado e demente.
Seu quartel general é o escuro.
Vem sempre nos seguindo.
É implacável, assombroso e malvado.
Traz insegurança
E deixa sua vítima em pranto
O medo também é covarde e oportunista.
Vive se escondendo dentro da gente
É mal encarado o tal vigarista
Mas se faz freguês, logo registra.
No suor frio, no arregalar dos olhos.
Às vezes faz o coração disparar
E em outras o faze até parar.
Oh, bicho nojento, não é clemente.
Esse tal sentimento que assombra a gente.

TEMOS FOME DE CÃO

Temos fome, temos sede doente.
De carne fresca, de carne de gente.
Temos fome de carne quente.
Tal apetite nos tortura e nos incita.
E esta fome diante da fartura grita.
E nessa louca esgalamidade impaciente,
O animal ronda a cidade atrás de gente.
Se tiver festa tem fartura, muitas criaturas.
Desfilam saias perfumadas de mulheres dopadas
Se o cão aspirando funga em agonia
À carne, abocanha delirante fatia.
Entre os dentes vêm-se felpas sangrando.
Mostra o instinto, animal felino rosnando.
Lobos das noites devoram hienas cruas.
Despem-se valores, morrem as ânsias nuas.
E nesse dilema, a busca dos bichos continua.
E vão arrastando seres despidos, foragidos.
Respiram nos quartos as carnes sufocadas.
Chove a semente, desce à flor o mel quente.
É inverno, cio das águas desovadas.
Peixe na loca, é pilão que soca na toca.
Ouvem-se movimentos, é o bicho sedento.
É um cão, qualquer animal carente.
Rosnando no escuro de águas correntes.
É o mar, o Eros do amor da gente.

ENTORPECER

Entalhada de pensamentos turvos
Vagueia a mente em densas trevas.
Em busca de idéias lúcidas e claras.
Nesta busca cambaleante e cega
Busca a alma sua âncora de fé.
Entre entorpecentes fluidos venenosos
Vagueia sem respostas aos anelos.
Desespera o ente dentro do homem mudo.
Sem palavras que respondam suas dúvidas.
E neste transe de corredores delirantes
A mente é arrastada a destinos incertos
E sob a opressão de efeitos químicos
Tal criatura age como louco nesta escuridão
Buscando entre outros brutos uma fuga.
E nestas provocantes andanças rudes
O pobre animal é surrado e chutado
E assim sangrando meio morto é deixado
Sendo rebocado inconsciente ao socorro
Sob efeitos delirantes e trêmulos o tal ente resiste
Desmaiando logo após o cadavérico corpo vencido.
Só retornando mais tarde de sua estúpida viagem
E como ressurgindo à uma nova vida
Tal miserável deste pesadelo é arrancado.
E como criança levanta sua voz em pranto,
Percebendo que novamente é dono de si.

CIOSO OLHAR

Teus olhos dois abismos sedutores
Duas fontes e duas embocaduras
Duas cascatas que me arrasta
Dois holofotes que encandeiam
Dois feiticeiros que hipnotizam
Quando a noite lança de si
Seu lençol escuro e envolve o mundo
E o limite traça o fim do dia
E o rio suicida-se no mar infundo
Aí vejo teus olhos a me seduzirem
E de emboscada se escondem
Como sereias encantadas surgem
Das selvas de minha imaginação
E das escuridões noturnas me afrontam.
Mas quando amanhece em tua face o convite
Teus olhos empoleirados como dois sóis
São duas bandeiras caolhas e disfarçadas
De dois piratas perdidos em seus mapas
Em uma revolução cinzenta de paixão
Mas se teu corpo pálido de figurino
Envolve de confetes tua cabeça
Diante de um chão de giz pintado,
Aí comes os ossos do ofício sagrado.
E nas fumaçantes horas perdidas,
Comes cinza de assuntos populares.
Até que a veia da vida se apaga da moral
Aí brota de teus olhos a vontade animal.

QUANTAS VEZES

Quantas vezes eu tentei falar.
Quantas vezes tive só de escutar
Teus desaforos e sem razão pra dar.
Quantas vezes tive de te suportar calado
Tuas vinganças loucas por não poder falar.
Quantas palavras duras agüentei de ti
Por te negares a me respeitar enfim.
E por temer a Deus, não pude te abandonar.
Quantas vezes tentei te fazer entender
Teus descompromissos com teu matrimônio
Tuas irresponsabilidades com tua casa e filhos
E tu não destes oportunidade de me escutar.
Quantas vezes tu me fechaste a porta
Por tuas novelas me fizeste troca
Tudo por queres me desprezar.
Quantas vezes me retirava só pra te agradar
E tu me xingavas, não sendo eu culpado.
Quantas vezes tive de me calar pra melhor passar.
Quando ias aonde querias sem me consultar
E se fiz o mesmo, vituperavas-me sem explicar.
Quantas vezes tu mandavas-me retirar de ti
Fazendo o que querias, e me culpavas por te deixar.
Quantas vezes eu tão cansado do labor
Convidavas-te a dormir mais cedo para o amor
E tu somente te negavas só pra me humilhar
E quantas vezes fizestes coisas só pra me contrariar.
Que meu Deus me olhes pra me recompensar.
Por todas as maldades que me fez passar.

DÁRA DAS PÉTULAS

Navega em ares amenos a frágil criatura
Beijando cada flor e embriagando-se de mel
É ambulante e rara tal beleza.
É apreciada até nas artes do menestrel
Sua vida vadia e flutuante causa admiração.
Entre donzelas em fase amante,
Gostam de vê-la a criatura voante
É música suave seu vôo macio e leve
E mais lindo é o abre e fecha de suas asas
Até parece os grandes lábios latejantes
É maravilhosa tal mariposa andante
Quando em bandos saem pelos jardins
Em multicores de uma aquarela prisma.
Vão às revoadas ligeiras a seus amores
Bebem nas poças d'água, beijam flores.
E de antenas esticadas estão sempre ligadas
São moças que vagam pelo campo pastoril
Estão em toda terra, e são elegantes.
E das criaturas são todas amantes
Cantam as rolas, é pomar florido.
Cheio de borboletas coloridas.
Em meu jardim quero te ver doce melena
Estás entronizada entre as roseiras.
E as rosas, são suas damas de honra.
Tu és a princesa encantada de silhueta
Para os tolos tu és apenas borboleta
Mas para mim tu és Dára, minha lindeza rara.

CORRENTES MARINHAS

Deitar das ondas, curvas dos mares.
Chiar das águas, aragem fresca e salgada.
Canto embriagante de sereias apaixonadas.
São olhadas nativas que navegam pelas ruas.
Desejo de aventuras são raízes dos homens.
São cupidos, os arqueiros ambulantes.
Que rondam madrugadas embriagadas.
São fregueses da morte.
Cadáveres, bagaço do tempo.
Mesmo assim é meu mar,
Meu doce oceano deslizante.
Onde meu peixe nada,
Mergulhando em ti.
Levando-me ao mar da emoção
Onde as correntes arrastam as águas.
Enquanto no requebrar de tuas ondas,
É incitante o cheiro do meu prazer.
Descubro o lado bom de viver.
É tanto céu, é tanto mar.
Mas a terra onde está?
Isto é meu querer mais, de algo mais.
Como sou teu, meu mar cuida de mim.
Pois sou tenro e careço de ti.
Leva-me em tuas correntes
Mestre das águas.
Até que me afagues na praia.
Pois ali vou me deitar.

A ESPREITADORA

Maldade da alma de uma besta tirana
Que vasculha a casa alheia por ser humana
Traça enganos em teias de falsidade
É uma espiã do inferno
Que se tornou mensageira do diabo
Maldita companhia que se aproxima
Disfarçada em amizade.
Judas dos infernos e traidor de sua raça
Canibal da calma pessoal.
Estrupadora malvada da paz.
Intrometida ladra do sossego
Mente traiçoeira da cidade
Vírus da sociedade tranqüila.
Inimiga indesejada dos homens.
Vasculhadora atrevida dos indefesos.
Traçadora de planos macabros.
Irritadora das almas mansas.
Toldadora da quietude.
Marginal e assaltante da ordem
Intrometido espírito do mal
Anjo do lago de fogo.
Traidora de si e do povo.
Mas o teu dia de tortura virá
Quando te rasgarem na multidão
E tentarás escapar, mas te argüirão.
E te meterão em grilhões
A ti que viveste como ladrão.

Obras do autor

Romances

Paraíso de José
(1997)

Autobiográfico
A Primavera da Vida
(2009)

Doutrinários

Questionando as coisas do Espírito
(1996)

Lamentos da alma
(1986)

Eleitos e ensinados por Deus
(2009)

Poesias

Caminho do peregrinar
(1999)

Vozes Mélicas
(2000)

Luta Interior
(2001)

Visões Célticas
(2002)

O Animal
(2007)

Olhos do Tempo
(2010)
60

Meu Deus! Sou como um bruto
Na verdade sou mais bruto que ninguém
Não tenho o entendimento do homem moral
Sou tão natural como qualquer animal
Não aprendi a sabedoria social do homem
Nem penso como as gentes de estipe
Ajo apenas pelo instinto natural do animal
Não me envolvo com homens da tal moral
Ignoro a lei humana amo a natural
Quero sentir, ver, agir de forma agreste.
Como qualquer ser da vida natural
Quero a filosofia dos bichos desumanos.
Não quero me prender aos tabus humanos.
Quero comungar com toda criação natural
Mas não quero me envolver com a sociedade estatal
Desta geração que se proclama humana e evoluída.
Que massacra a natureza sem compaixão.
E ainda ensaca sua semente e manda ao lixo.
Meu Deus! Quero ter comunhão universal.
Com todas as espécies da tua criação global.
Principalmente com as que chamam irracionais.
Mas que são os únicos que não se matam.
Enquanto o homem é o único ser suicida.
Quero ter a ciência das abelhas
Ser ordenado e forte como as formigas
E sentir e até pressentir a invernoada.
E alertar o homem quando me armar de asas
E subir aos céus na amplidão
Para agradecer a Deus da criação
Oh Deus, como é bom ser natural.

SE EU NÃO TE AMASSE

Como suportaria teu gênero iracundo
Teu ser provocador, tua impertinência.
Se eu não te amasse?
Como seria meu comportamento
Diante de tanta injúria
Se eu não te amasse?
Quando negas a mim teu temor
E me reprovias com furor
E ainda negas teu amor
Que serias de ti
Se eu não te amasse?
Quando invades minha privacidade
E vasculhas meus segredos
Que loucura eu não faria
Se eu não te amasse?
Quando tu chutas a porta
Onde desmaio de cansado e durmo
Que serias de ti
Se eu não te amasse?
E quando ficas cubando minhas manobras
E escutando me reprovias
Que desaforo não te darias
Se eu não te amasse?
Quando vais pra onde quer
E se recusa fazer até o meu café
Que bronca não te daria
Se eu não te amasse?
Mas eu te amo
E não quero te perder
Por isso tudo, hei de padecer.

OLHOS DO TEMPO

Em minhas horas de silêncio
Vasculho os céus distantes
E entre véus brancos, descobri encantos...
Um ancião me espreitava e fiquei tonto
E como me encabulei diante.
Então minha voz ecoou
E desmanchou-me em pranto
Não entendi a visão, que me desmoronou.
Quando ponderava naquele instante
Percebi um ser voante
E me envolveu num manto
E debaixo, me falou lento.
De todos os segredos
Do Senhor do tempo
E me levou por dois caracóis
Empalidecidos por vários sóis.
E me disse:
Aqui,
São os olhos do tempo
Os guardiões sagrados
Que velam sobre todos os viventes
E gelou-me, pois havia entendido,
O mistério santo, no meio do vento.